VI ENCONTRO NACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL
25 a 28 de agosto de 2020
EVENTO ON-LINE • UFRN

BOAS PRÁTICAS EMPRESARIAIS A ECONOMIA INFORMAL, NO RAMO ALIMENTÍCIO, NA CIDADE DE BARREIRAS-BAHIA: SELO DE QUALIDADE EMPREENDEDORA

João Paulo Oliveira Santos
Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Bahia
joaooliveira@ifba.edu.br

Resumo

Este artigo visou atribuir aos trabalhadores informais e pequenos empreendedores uma vantagem competitiva perante as grandes marcas e as empresas já consolidadas pela qualidade de seus produtos, tradição de atendimento e tempo de atuação neste ramo de negócios, um selo de qualidade empreendedora, visando atestar àqueles empreendimentos a boas práticas de fabricação e manuseio de alimentos ao consumidor final, bem como, atuação em gerenciamento administrativo do negócio. Foram realizadas pesquisas de campo e entrevistas junto a estes empreendedores, que fazem do ramo alimentício sua atividade laborativa, no total de 34, que se encontrava no centro da cidade de Barreiras/BA e nas localidades adjacentes, nos horários vespertino e noturno, com o intuito de conhecer suas atividades e como eles estão preparados para interagir com a gestão do negócio e a entrega dos seus produtos aos consumidores.

Palavras-chave: empreendedorismo; desenvolvimento regional; inovação.

1 Introdução

As mudanças tecnológicas em que o século XXI trouxe ao mundo influenciaram de forma positiva o desenvolvimento das sociedades mundiais, diminuindo distância e transformando a informação e o conhecimento em peças chave para estimulo de uma sociedade global, rompendo sistemas culturais diversos, derrubando fronteiras e ampliando a utilização da informação de forma instantânea e pontual, como Schwab (20019, p.19) afirma sobre este fenômeno conhecido por quarta Revolução Industrial ou Indústria 4.0, que: "fundamentalmente difere das anteriores, sendo esta a fusão das tecnologias com a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos", existindo a criação de um novo mundo, em que os sistemas físicos e virtuais de fabricação cooperam entre si. Esta revolução, segundo Schwab (2019, p.14) "alterará profundamente a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos", e Roblek *et al* (2016), concorda ao afirmar que esta revolução está acontecendo agora e em todos os locais do mundo, exigindo das sociedades e das organizações, novos paradigmas, aos quais,

conectados a internet, ultrapassem os limites da ansiedade e desejo que este meio proporcionará a novos projetos.

Ao citar as tecnologias que surgiram e surgirá nesta quarta Revolução Industrial, Davis (2016) citado por Atamancuk e Siatkowki (2019, p. 285), afirma como afeta as vidas de todos no mundo, ampliando e desenvolvendo novos impactos na digitalização dos meios produtivos, como também nos sociais, de forma sempre novas e imprevistas, criando nos indivíduos uma mudança de percepção de presença no mundo, sendo na dedicação as mudanças que se buscam ou daquelas já vivenciadas, pessoal ou nos grupos sociais ao qual pertence, demonstrando que essas mudanças criaram benefícios com maior amplitude para inúmeras pessoas.

Ao mencionar o alcance da internet, Pires (2018, p.18) afirma que a capacidade de processamento dos dispositivos computadorizados e a criação de novos produtos e serviços, no desenvolvimento de pesquisas científicas, na interconexão entre as pessoas em todos os locais no mundo, na gestão mais eficiente dos Estados e na maneira como estes lidam com questões comerciais e de soberania, podem gerar grandes volumes de informações e potencializando novíssimas inovações.

Neste contexto, o desenvolvimento de novos produtos, a disponibilidade de internet e a integração de máquinas, equipamentos e dispositivos, pode permitir um novo arranjo físico e digital, no qual segundo Pires (2018) poderá revolucionar como ocorreu no passado, na transformação das antigas manufaturas com a introdução de motores de autopropulsão.
Schwab (2019, p.19) elenca alguns conjuntos de tecnologias inseridas na quarta Revolução Industrial, tais como: inteligência artificial, biotecnologias, novos materiais de tecnologias energéticas, robótica, fabricação aditiva, neurotecnologias, realidade virtual e aumentada, *blockchain*, bem como outras que ainda se desconhece.

Atamancuk e Siatkowki (2019, p. 286) afirmam que um dos aspectos positivos da Indústria 4.0, é a eficiência gerada nos negócios e também nova modelagem de negócios. Estas mudanças podem trazer também um impacto negativo sobre a empregabilidade dos indivíduos, gerando a extinção de milhares de postos de trabalho e uma nova reestruturação destes postos. Profissões que exigem menor complexidade nas suas tarefas poderão desaparecer, segundo Roblek *et al* (2016), e surgirão outros empregos de perfis diferenciados, adaptando-se as novas realidades conceituais, nos quais as pessoas se recondicionarão a este novo modelo profissional.

Assim, a influência desafiadora na criação de novos produtos e serviços simplificaram as relações de trabalho e modificaram o sustento das pessoas, consequentemente, exacerbando a desigualdade social.

Neste contexto, Schwab (2019) afirma que os desafios trazidos pelo aumento das desigualdades são difíceis de mensurar, devido à atuação dos indivíduos no mercado são como consumidores e produtores. Assim a ideia de ruptura e inovação afetará o *status quo* destes entes de forma positiva quanto negativa, pois todos os envolvidos neste processo necessitam uns dos outros: os **consumidores,** que promovem o ciclo de demanda e os **produtores**, garantindo a oferta.

Harari (2018) citado por Atamancuk e Siatkowki (2019, p. 287) afirma não se tem ideia de como será o novo mercado de trabalho em 2050. As máquinas, robôs, mudarão radicalmente quase todas as tarefas atualmente conhecidas. A utilização crescente da inteligência artificial tornarão os sistemas mais eficazes e eficientes, disponibilizando avanços em todas as ciências da vida e sociais.

Este grande impacto positivo deve gerar na sociedade, governos e empresas, uma nova concepção de valores que estimularão tecnologias sempre mais ágeis e atuantes que, contudo, conforme Schwab (2019), as tecnologias podem minar as escolhas dos indivíduos com suas habilidades e interesses, em trabalhos que existam significado, gerando uma geração de trabalhadores que não se encaixariam nas novas normas impostas pela tecnologia. Segundo

Schwab (2019) para que isso não ocorra se faz necessários a criação de ferramentas regulatórias de trabalho, investimento em formação e novos métodos de empregabilidade.

Trazendo este contexto da quarta Revolução Industrial, no Brasil, ainda se vê pouca influência nos mercados de bens e serviços, que segundo Oreiro e Marconi (2016, p.176) o Produto Interno Bruto – PIB brasileiro, em 2015, fechou em queda de 3,8%, a taxa de desemprego próximo a 9% da força de trabalho e a taxa de inflação próxima de 11%, revelando um cenário econômico verdadeiramente desolador. A partir do ano de 2020, se enfrenta a redução dos postos de trabalho e, consequentemente a renda dos indivíduos e seus núcleos familiares.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua - PNAD Continua, no primeiro trimestre de 2020, entre a população economicamente ativa, **entre 14 a 60 anos de idade**, a quantidade de pessoas ocupadas, **que possuem empregos formais no setor público e no setor privado**, estimada em 92.223 milhões de pessoas, sendo que, a quantidade de pessoas desocupadas estimada em 12.850 milhões de pessoas. Além disto, referenciado na mesma pesquisa, existe uma **população subutilizada**, formada pelos desocupados (desemprego), a **força de trabalho potencial**, referindo aos indivíduos que tem condições de empregabilidade e não encontram, e os **desalentados**, no qual pertencem aqueles que não estão à procura de empregos, totalizando 27.620 milhões de pessoas. Outro dado importante identificado pela PNAD Continua está na relação dos empregos do setor privado que possuem carteira de trabalho assinada, ou seja, trabalhadores com garantias legais, estimado em 33.096 milhões de pessoas. Já os que fazem parte da economia informal, ou seja, sem contrato de trabalho formal, estimou-se para este período, 11.023 milhões de pessoas.

Nesta perspectiva, Balconi (2019) relata que em países desenvolvidos a produção de bens de alto valor agregado, aumenta as chances de exportação destes itens, gerando riqueza e ampliando a competitividade. Por outro lado, no Brasil, o nosso sistema industrial depende tecnologicamente da produção externa para formar sua cadeia produtiva. Consequentemente, os postos de trabalho oferecidos são de baixa complexidade, não dependendo de conhecimentos específicos e diferenciados, sendo que o setor primário (**agropecuário**) tenha maior destaque na produção nacional. "Ao perder sua indústria, o Brasil perde o principal meio de transformar conhecimento/educação/capital humano em produtos, serviços e renda! Restará um pequeno setor de serviços altamente sofisticado e complexo para fazer essa conversão". (GALA E ALMEIDA, 2019).

Com a estagnação do setor industrial e o aumento do setor de serviços, protagonizada pelas empresas de pequeno porte – **micro, pequenas e médias,** e de forma recente os **microempreendedores individuais** – MEI**,** como fonte de contratação formal de força de trabalho, por outro lado também surge neste contexto à economia informal ou "economia subterrânea" (Soto, 1987; Ecto, 2009), que tem sua abordagem complexa de mensuração, tanto no Brasil como em diversos países. Nesta abordagem, Nogueira (2016, p.8) citando Ramos (2007, p.119) define a informalidade como:

a) Composto por pequenas firmas de propriedade familiar;
b) Baseado na utilização de recursos locais;
c) Fundado em tecnologias trabalho-intensivas;
d) Com baixa produtividade;
e) Atuando em mercados concorrenciais e não regulamentados; e
f) Adquirente de qualificações e padrões tecnológicos à margem dos circuitos oficiais.

Segundo Nogueira (2016, p.9) outros critérios consideram como informais às atividades que se desenvolvem no âmbito da **extralegalidade,** ou seja, que não arrecadam impostos seja por empresas regularmente formalizada ou não junto aos órgãos tributários legalmente constituídos. Nogueira (2016, p.25) enfatiza que a informalidade concentra-se nas atividades

de baixa intensidade de capital e de conhecimento, justificados nos baixos níveis de produtividade. Ao considerar que estas tais atividades também compõem o setor formal, os números dessa produtividade específica do setor é efetivamente baixa.

Segundo Schwab (2019, p. 44) fatores impulsionadores na quarta Revolução Industrial, como a **velocidade de transmissão** da informação e **difusão do conhecimento** e sua **amplitude** e **profundidade**, que trarão mudanças radicais e simultâneas, poderão acarretar na certeza que as novas tecnologias mudarão a natureza do trabalho nas organizações e em todas as ocupações. A incerteza gerada é a perspectiva da quantidade de postos de trabalho que serão substituídos pela automação. Magalhães e Vendramin (2018) afirmam que a adoção de tecnologias digitais no Brasil segue lentamente, existem várias oportunidades de crescimento.

Contudo, são as mudanças necessárias nestes processos de inovação, gestão e sustentabilidade estando integradas, por processos de desenvolvimento de novos produtos, e nas gestões de riscos, com os fornecedores e de pessoas.

Neste horizonte de pensamento, Schwab (2019, p. 45) expõe este paradigma: **"um efeito destrutivo"** que ocorrerá na substituição da força de trabalho pelo capital, forçando a realocação destes trabalhadores e de suas habilidades em outros lugares, e "um efeito capitalizador" em que surgirá a procura por novos bens e serviços, levando a criação de novas indústrias, empregos e profissões.

2 A inovação para sobrevivência das empresas e negócios

Segundo Ekerman e Zerkowski (1984, p.214) inovação é um termo que pode ser entendido alternativamente como: "estabelecimento de nova função de produção para dar conta de novos produtos; combinação de fatores de maneira nova; e a efetivação de novas combinações".

Schumpeter (1961, p. 89) aponta em sua obra Capitalismo, socialismo e democracia, o processo que chamou de "criação destrutiva" em que consiste onde "há uma inovação, há destruição de uma curva de custo marginal e há criação de uma nova (mais baixa) que toma seu lugar".

As inovações podem ocorrer desta forma, segundo Moricochi e Gonçalves (1994, p. 30):

a) Introduzir um novo bem não familiar aos consumidores ou então de nova qualidade de certo bem;
b) Introduzir um novo método de produção - método ainda não experimentado dentro de certo ramo produtivo, mas que não precisa obrigatoriamente derivar de qualquer descoberta científica;
c) Abrir um novo mercado, ou seja, um mercado em que o produto de determinada indústria nunca tivera acesso antes, independente deste mercado, existir ou não anteriormente;
d) Descobrir uma nova fonte de matéria prima ou de produtos semi acabados, também, independente desta fonte ter existido ou não anteriormente; e
e) Reorganizar a indústria, qualquer que seja esta, como a criação ou a ruptura de uma posição de um monopólio.

Assim, Moricochi e Gonçalves (1994, p. 30) enfatiza que para Schumpeter (1957), o processo de desenvolvimento se inicia com a ruptura do "**fluxo circular econômico**", verificado pelo lado da produção com a alteração dos sistemas de produção.

Contudo, Schwab (2019, p. 64) salienta que a capacidade de prever o desempenho de um novo bem, poderá estabelecer novos modelos de negócios, podendo ser mensurado e monitorado ao longo de todo o tempo, oferecendo também novas oportunidades para precificar os serviços. A quarta revolução industrial obrigará as empresas a funcionarem entre os mundos "off-line" e "online"

Para Balconi (2019) "a inovação, como meio de modificação e transformação, é o que "move" a engrenagem do sistema". Esta propulsão ao crescimento econômico aumenta a sua capacidade produtiva e concorrência de seus produtos num mercado cada vez mais acirrado. Desta forma, devem ser criados arcabouços jurídicos e políticas públicas desenvolvimentistas com sistemas de inovação, para que o país se torne competitivo, com muitos investimentos em ciência, tecnologia e inovação, no qual o Brasil ainda agoniza neste cenário, surgindo, conforme Balconi (2019) um paradigma de intervenção governamental que possa corrigir os erros do mercado, fomentando o desenvolvimento tecnológico e incentivando as parcerias públicas-privadas com víeis na inovação.

3 Matopiba e a Região Oeste da Bahia

Para compreensão deste estudo é necessário apontar algumas considerações do espaço geopolítico no qual foi desenvolvida a pesquisa. Precisa-se situar que o oeste da Bahia aparece no panorama nacional como uma das principais áreas produtoras de soja, milho e algodão herbáceo. O crescimento da região está relacionado à inclusão no chamado **Matopiba**,[1] que segundo Mingoti *et al*. (2014) trata-se de uma região composta por cenários de grande diversidade e complexidade, tanto nas questões relacionadas ao clima, solo e preservação ambiental, quanto nos aspectos sociais, tais como na convivência de indígenas e quilombolas, quanto na agricultura empresarial e familiar.

Segundo Lima *et al.* (2019, p.8) o Matopiba se destaca nos índices de crescimento econômico e na produção agrícola, sobretudo grãos, aumentando a participação no agronegócio brasileiro, com o crescimento do Produto Interno Bruto – PIB nesta região em 542% entre 2000 a 2013.

Ao considerar que o desenvolvimento regional, segundo Lima *et al.* (2019, p.10) contribuiu para novas oportunidades de emprego, houve outros impactos, sobretudo no aumento da informalidade no mercado de trabalho, tornando relevantes à avaliação das novas condições empregatícias e seus salários.

Por sua vez, Mondardo (2010, p.116) enfatiza que no oeste baiano ocorreu uma intensa atração de capital e de força de trabalho a partir da década de 1980, sendo que na cidade de Barreiras, considerada como polo regional, as atividades agroindustriais são concentradas por meio de uma rede de atividades produtivas e de serviços modernos que se expandem territorialmente interligando vários municípios da porção oeste do Estado.

A cidade de Barreiras está inserida no Território de Identidade da Bacia do Rio Grande[2], superfície territorial de 75.387,78 Km², abrangendo também os municípios de Angical, Baianópolis, Buritirama, Catolândia, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley. Dessa forma, o município tornou-se atrativo para diversos investimentos, seja na parte agrária e no desenvolvimento da cultura agrícola, migração de pessoas de diversas partes do país, atraídos pelo crescimento econômico, bem como polo educacional.

4 Metodologia e Análise dos dados

[1]A delimitação da região Oeste neste trabalho segue a definição apresentada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia/SEI, com base na identificação feita pela SEPLANTEC (Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia).

[2]Segundo a Secretaria de Planejamento da Bahia, os Territórios de Identidade foram reconhecidos como divisão territorial oficial de planejamento das políticas públicas desde 2010. Este conceito advém do processo iniciado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário em discussão para compor os territórios rurais em 2003. Assim formaram-se 26 Territórios de Identidade na Bahia.

Segundo Lakatos e Marconi (2001): a pesquisa é um "procedimento formal", com método de pensamento reflexivo, requerendo um tratamento cientifico na busca de construir caminhos no conhecimento da realidade, ou na descoberta de verdades variáveis parciais. Ao desenvolver esta pesquisa foram utilizadas a pesquisa de campo, a entrevista e a pesquisa em ação.

> A pesquisa de campo é aquela com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se preocupa uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS E MARCONI, 2001, p.186).

Neste contexto a pesquisa de campo não deve ser apenas uma pesquisa de simples coletas de dados, ela é bem mais do que isto, segundo Trujullo (1982) *apud* Lakatos e Marconi (2001, p 186) esta exige contar com os controles adequados e com objetivos preestabelecidos que indicam o que deverá ser coletado.

Ao considerar os propósitos desta pesquisa, em privilegiar as falas dos sujeitos sociais, optou-se pela aplicação de entrevista, a qual pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado (HAGUETTE, 1987).

Também neste contexto da entrevista, Goode e Hatt (1969) citados por Lakatos e Marconi (2001, p.196) apresentam a entrevista "como o desenvolvimento de precisão, fiscalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversarão".

Assim, a pesquisa se desenvolveu com a identificação de empreendedores informais que mantem suas unidades comerciais no centro da cidade e em bairros adjacentes, buscando este público nos turnos vespertino, onde o fluxo comercial de pessoas advindo de diversas partes da cidade e outros municípios circunvizinhos, e no turno noturno, pelo fluxo de pessoas que frequentam as faculdades e escolas técnicas, bem como pela condição climática mais favorável neste turno, no qual foram realizadas 34 entrevistas, com 10 questões especificas sobre boas práticas e gestão empresarial, para reconhecimento das condições laborais e o grau de formação sobre manuseio, conservação e distribuição de alimentos, bem como se tinham noções de gestão administrativa, de estoques e financeira.

Foi analisado o gênero dos entrevistados, onde 28 são homens e 06 são mulheres. Apesar da população estudada fosse majoritariamente masculina, não se tem comprovação de as mulheres participam também, mesmo que em forma indireta no empreendimento. Quanto à idade, conforme **Tabela 1**, demonstra um público de meia idade nas atividades informais (**entre 31 a 48 anos**), que poderá fazer ressonância com os dados coletados nas próximas tabelas.

Tabela 1 - Idade dos entrevistados

Idade	Quant	%
18-24	02	6%
25-30	03	9%
31-36	08	23%
37-42	08	23%
43-48	05	15%
48-53	02	6%
53 em diante	06	18%

Fonte: Pesquisa de campo (2020)

A formação escolar dos entrevistados, demonstrado na **Tabela 2**, demonstrou que a maioria (41%), concluíram o ensino médio, onde na sociedade do consumo atual, as informações e o conhecimento são primordiais para se estabelecerem em profissões ou melhores níveis salariais, esta parte estudada da população está à margem de novos conhecimentos científicos, nos quais não abordados nesta pesquisa.

Tabela 2 – Formação escolar dos entrevistados

Formação Escolar	Quant	%
Ensino Fundamental Incompleto	02	6%
Ensino Fundamental Completo	08	23%
Ensino Médio Incompleto	06	18%
Ensino Médio Completo	14	41%
Ensino profissionalizante	01	3%
Ensino Superior Incompleto	02	6%
Ensino Superior Completo	01	3%

Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Na **Tabela 3**, o questionamento sobre o tempo de atuação neste mercado, demonstra que, pela resposta dos entrevistados, já desempenham esta atividade, na economia informal há mais de 01 ano neste comércio. O tempo de atuação nos setores entrevistados, não caracteriza que estes empreendimentos se estabilizarão com os produtos, no momento da pesquisa, ou poderão ser substituídos por novos produtos, que no caso, dos que já tem mais de 5 anos (18%) já permanecem consolidados neste ramo de atuação.

Tabela 3 – Tempo de atuação neste mercado dos entrevistados

Tempo de atuação	Quant	%
Menor que 06 meses	04	12%
De 06 meses a 01 ano	06	18%
De 01 a 03 anos	10	29%
De 03 a 05 anos	08	23%
Maior que 05 anos	06	18%

Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Outra abordagem acerca das dificuldades em que os entrevistados encontraram ao iniciarem seus empreendimentos. Nesta **Tabela 4**, a concorrência, demonstrada nos produtos similares e a falta de capitalização do negócio influenciaram na duração deste negócio. Por pertencerem ao mercado informal, bancos de fomento ou de crédito a microempreendedores, veem com desconfiança no retorno do financiamento/empréstimo desembolsados para estes negócios, pois os mesmos não possuem garantias de quitação e outras formalidades.

Tabela 4 – Dificuldades encontradas pelos entrevistados

Dificuldades encontradas	Quant	%
Sem experiência na área	04	12%
Capitalização do negócio	13	38%
Local (ponto de venda)	02	6%
Baixa rentabilidade	03	9%
Baixa procura pelo consumidor	01	3%

Produtos similares	11	32%

Fonte: Pesquisa de campo (2020)

Ao abordar estes empreendedores quanto a realização de cursos formativos técnicos na área de processamento, manuseio e estocagem de alimentos, bem como gestão empresarial. 23 pessoas responderam que não fizeram, por oportunidade, pois não encontraram cursos disponíveis em horários alternativos, bem como a complexidade que nos cursos são desenvolvidos, prejudica no aprendizado para grande parte deste público, relatados de forma informal. Questionou-se também acerca de criação de um "**selo de qualidade**" que identificaria os empreendimentos, nos quais trabalham de forma ideal a grandes empresas: **85%** das respostas **foram positivas,** demonstrados na **Tabela 5**, por acreditarem assim que se tornariam mais competitivos e acreditados pelo consumidor final.

Tabela 5 – Criação e utilização do "**Selo de Qualidade**" pelos entrevistados

Utilizariam o selo	Quant	%
Sim	29	85%
Não	5	15%

Fonte: Pesquisa de campo (2020)

5 Considerações finais

Este artigo visou conhecer como a economia informal na cidade de Barreiras/Bahia se desenvolve, buscando alternativas de que estes "empreendedores", por diversas razões estão fora do mercado de trabalho formal. O foco deste estudo, ainda não pode ser aplicado, devido às consequências pandêmicas ocorridas durante este ano, contudo esperamos em breve oferecer a estes empreendedores formação continuada e acompanhamento acadêmico, de se tornarem competitivos, melhorando seus processos, no mundo cada vez mais globalizado e de consumidores sempre mais exigentes, segundo Schumpeter (1939, p.163) citado por Ekernam e Zerkowski (1984): "o empresariamento no mundo moderno tende a perder suas características originais. Por um lado, a pesquisa tecnológica torna-se crescentemente mecanizada e organizada; por outro, resistências a novos métodos diminuem progressivamente".

Mais do que inovações gerenciais e operacionais associadas a um sistema de inovação e competitividade, a inclusão no mercado amplia o universo das transformações empresariais, superando as velhas práticas empíricas e contribuindo para que qualquer empreendedor esteja apto a enfrentar a "revolução" trazida pela quarta Revolução Industrial. O conceito de "destruição criadora" de Schumpeter (1961) seja ainda o ponto de partida para as discursões de empreendedorismo e inovação.

A inclusão social perpassa a discussão de bolsas e auxílios financeiros que são concedidos a grupos em vulnerabilidade socioeconômica. É promovendo esta interação de formação continuada, que os institutos educacionais podem oferecer a população, na forma de orientações técnicas-pedagógicas, um crescimento econômico menos desigual, proporcionando a melhoria dos processos.

6 Referências

ATAMANCZUK, Mauricio. SIATKOWSKI, Aldo. **Indústria 4.0:** Panorama da publicação sobre a quarta revolução industrial no *Scientific Periodicals Electronic Library* - SPELL. Future Studies Research Journal. São Paulo. v.11, n.3, set/dez 2019. pp. 281-304.

BALCONI, Lucas Ruiz. **Inovação, complexidade econômica e produtividade nacional.** Estadão, São Paulo. 29 agosto 2019. Disponível em: < https://www.portalintelectual.com.br/por-que-os-engenheiros-estao-trabalhando-no-uber > Acessado em: 01 julho 2020.

_____. **Em tempos de crise, inovar é preciso!** Aspectos entre Estado, Direito e Inovação. Estadão, São Paulo. 08 outubro 2019. Disponível em: < https://www.portalintelectual.com.br/em-tempos-de-crise-inovar-e-preciso-aspectos-entre-estado-direito-e-inovacao/ > Acessado em: 01 julho 2020.

ETCO – INSTITUTO BRASILEIRO DE ÉTICA CONCORRENCIAL. **Economia subterrânea: uma visão contemporânea da economia informal no Brasil.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

EKERMAN, Raul. ZERKOWSKI, Ralph M. **A análise teórica schumpeteriana do ciclo econômico**. Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro, v.38. n. 3. jul/set 1984. p. 205-228.

GALA, Paulo; ALMEIDA, Alberto. **Uma história simples para se entender porque os países ricos são ricos hoje (e o Brasil não)**. Disponível em: < https://www.paulogala.com.br/uma-historia-simples-para-entender-porque-os-paises-ricos-sao-ricos-hoje-e-o-brasil-não>. Acessado em 30 junho 2020.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** Petrópolis: Vozes,1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSITCA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua 1º trimestre de 2020.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=27704&t=quadro-sintetico>. Acessado em 01 julho 2020

_____. **Dados do Município de Barreiras/BA.** Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/barreiras/panorama >. Acessado em 30 junho 2020.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Cientifica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001. 288 p.

LIMA, Cícero Francisco. CRUZ, Nayara Barbosa da. COSTA, Edward Martins. VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Diferenciais de rendimentos entre o migrante e o não migrante na região do Matopiba**. IPEA, 2019. 42 pág

MAGALHÃES, Regina. VENDRAMINI, Annelise. **Os impactos da Quarta Revolução Industrial**. Revista FGV Executivo v.17 n.1 São Paulo: FGV, jan/fev 2018. pág. 40-43

MINGOTI, Rafael. BRASCO, Mayra A. HOLLER, Wilson A. LOVISI FILHO, Elio. SPADOTTO, Claudio A. **Matopiba:** caracterização das áreas com grande produção de culturas anuais. Nota Técnica. Embrapa Gestão Territorial. Campinas: 21 Julho 14.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A "Territorialização" do agronegócio globalizado em Barreiras - BA:** migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio territoriais, Revista do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária - NERA. Presidente Prudente, Ano 13, n. 17, pp. 112-130, Jul-dez./2010

MORICOCHI, Luiz. GONÇALVES, José Sidnei. **Teoria do Desenvolvimento Econômico de Schumpeter:** uma revisão crítica. Revista Informações Econômicas. v. 24. n. 8, ago/1994

NOGUEIRA, Mauro Oddo. **A Problemática do Dimensionamento da Informalidade na Economia Brasileira.** Brasília: Ipea, 2016. 44 pág.

OREIRO, José Luis. MARCONI, Nelson. **O Novo-Desenvolvimentismo e seus Críticos.** Revista Cadernos do Desenvolvimento. v.11, n. 19. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Política para o Desenvolvimento. 2016, p. 167-179.

PIRES, Marcos Cordeiro. **O Brasil, o mundo e a Quarta Revolução Industrial**: reflexões sobre os impactos econômicos e sociais. Revista de Economia Política e História Econômica. ano 14. n. 40 julho de 2018. pp.05-36

RAMOS, Carlos Alberto. **Setor informal:** do excedente estrutural à escolha individual. Marcos interpretativos e alternativas de política. Revista Econômica, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2007.

ROBLEK, V. MESKO, M. KRAPEZ, A. **A Complex View of Industry 4.0:** Sage Open, 6. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2158244016653987> Acesso em 21 julho 2020

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. Trad: Daniel Moreira Miranda, São Paulo: Edipro, 2019, 176 pág.

SCHUMPETER, Joseph A. ***Business cycles***. Taylor e Francis e-Library, 1939.

_____. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Trad.: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 488 pág.

SOTO, Hernando de. **Economia subterrânea:** uma análise da realidade peruana. Rio de Janeiro: Globo, 1987.